

**CANTO I**

Canta-me a cólera - ó deusa! - funesta de Aquiles Pelida, causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos inúmeros e de baixarem para o Hades as almas de heróis numerosos e esclarecidos, ficando eles próprios aos cães atirados e como pasto das aves. Cumpru-se de Zeus o desígnio desde o princípio em que os dois, em discórdia, ficaram cindidos, o de Atreu filho, senhor de guerreiros, e Aquiles divino. Qual, dentre os deuses eternos, foi causa de que eles brigassem? O que de Zeus e de Leto nasceu, que, com o rei agastado, peste lançou destruidora no exército. O povo morria, por ter o Atrida Agamémnone a Crises, primeiro, ultrajado, o sacerdote. Este viera, até às céleres naus dos Aquivos, súplice, a filha reaver. Infinito resgate trazia, tendo nas mãos as insígnias de Apolo, frecheiro infalível, no cetro de ouro enroladas. Implora aos Aquivos presentes, sem exceção, mas mormente aos Atridas, que povos conduzem:

“Filhos de Atreu, e vós outros, Aquivos de grevas bem feitas, dêem-vos os deuses do Olimpo poderdes destruir as muralhas da alta cidade de Príamo, e, após, retomardes a casa. A minha filha cedei-me, aceitando resgate condigno, e a Febo Apolo, nascido de Zeus, reverentes mostrai-vos”.

Os heróis todos Aquivos, então, logo ali concordaram em que se o velho acatasse, aceitando os presentes magníficos. Somente ao peito do Atrida Agamémnone o alvitre desprouve, que o repeliu com dureza, assacando-lhe insultos pesados:

"Velho, que nunca te venha a encontrar junto às céleres naves, quer te detenhas agora, quer voltes aqui novamente, pois as insígnias do deus e esse cetro de nada te valem. Não na liberto, está dito. Que em Argos, mui longe da terra do nascimento, há de velha ficar em o nosso palácio, a compartilhar do meu leito e a tecer-me trabalhos de preço. Não me provoques; retira-te, caso desejes salvar-te”.

Isso disse ele; medroso, o ancião se curvou às ameaças, e taciturno, se foi pela praia do mar ressoante, onde, de um ponto afastado, dirige oração fervorosa a Febo Apolo, nascido de Leto de belos cabelos:

"Ouve-me, ó deus do arco argênteo, que Crisa, cuidadoso proteges e a santa Cila, e que tens o comando supremo de Ténedo! Ajudador! Já te tenho construído magníficos templos, bem corno coxas queimado de pingues ovelhas e touros. Ouve-me, agora, e realiza este voto ardoroso, que faço: possas vingar dos Aqueus, com teus dardos o pranto que verto”.

Isso disse ele na súplica; ouvido por Febo foi logo. O coração indignado, se atira dos cumes do Olimpo; atravessado nos ombros leva o arco e o carcás bem lavrado. A cada passo que dá, cheio de ira, ressoam-lhe as flechas nos ombros largos; à Noite semelha, que baixa terrível. Longe das naves se foi assentar, donde as flechas dispara. Do arco de prata começa a irradiar-se um clangor pavoroso. Primeiramente, investiu contra os mulos e os cães velocíssimos; mas, logo após, contra os homens dirige seus dardos pontudos, exterminando-os. Sem pausa, as fogueiras os corpos destruíam.

Por nove dias, as setas do deus dizimaram o exército; mas, no seguinte, chamou todo o povo para a ágora, Aquiles. Hera, de braços brilhantes, lhe havia inspirado esse alvitre, pois tinha pena dos Dânaos, ao vê-los morrer desse modo. Quando ao chamado

acudiram e todos se achavam reunidos, alça-se Aquiles, de rápidos pés, concionando desta arte:

"Filho de Atreu, quero crer que nos cumpre voltar para casa sem termos nada alcançado, no caso de à Morte escaparmos, pois os Aquivos, além das batalhas, consome-os a peste. Sus! consultemos, sem mora, qualquer sacerdote ou profeta, ou quem de sonhos entenda - que os sonhos de Zeus se originam - para dizer-nos a causa de estar Febo Apolo indignado: se por não termos cumprido algum voto ou, talvez, hecatombes, ou se lhe apraz, porventura, de nós receber o perfume de pingues cabras e ovelhas, a fim de livrar-nos da peste".

Tendo isso dito, assentou-se. Levanta-se, então, do seu posto, logo, Calcante, nascido de Téstor, de sonhos intérprete, que conhecia o passado, bem como o presente e o futuro, e que os navios guiara dos nobres Acaios para Ílio, graças aos dons de profeta com que Febo Apolo o brindara. Cheio de bons pensamentos, lhe diz, arengando, o seguinte:

"Mandas-me, Aquiles, querido de Zeus, que te diga o motivo de estar colérico Apolo, o senhor que dispara certoiro.

Vou revelar-to; atenção presta e escuta. Mas, quero que jures que me darás proteção com teu braço; ou, sequer, com palavras, pois estou certo de que há de irritar-se o guerreiro que manda nos Aqueus todos e a quem os Argivos de grado obedecem. Contra os pequenos, se acaso se agasta, é o rei sempre excessivo. Pois, muito embora refreie os impulsos da cólera um dia, continuamente revolve no peito o rancor incontido, té que o consiga saciar. Vê, portanto, se auxílio me prestas".

Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, o seguinte, em resposta: "Podes dizer, sem receio, o que na alma vidente souberes. Por Febo Apolo, querido de Zeus, a quem preces diriges, nobre Calcante, que possas contar aos Aquens teus augúrios, enquanto eu vivo estiver e na terra gozar da existência, nunca nenhum dos Argivos, ao lado das céleres naves, há de violência fazer-te, ainda mesmo que penses no Atrida, que, no momento, se orgulha de ser o melhor de nós todos".

Com mais coragem, então, disse o vate preclaro o seguinte: "Não se irritou por não termos cumprido algum voto ou hecatombe mas por haver Agamémnone ao seu sacerdote ofendido, visto não ter recebido o resgate da filha, entregando-lha. Por essa causa, nos deu e há de dar sofrimentos Apolo, sem que dos Dânaos pretenda afastar o terrível flagelo, antes de haverdes ao pai a donzela de olhar refulgente restituído, sem prêmio nenhum, outrossim conduzindo a Crises uma hecatombe. Talvez, desse modo, o aplaquemos".

Tendo isso dito, assentou-se. Levanta-se, então, do seu posto o nobre filho de Atreu, Agamémnone, rei poderoso, com torvo aspecto. De trevas a cólera o peito lhe enchia, a transbordar. Pareciam-lhe os olhos dois fogos brilhantes. Ameaçador, para o vate Calcante se vira, increpando-o: "És só profeta de males; jamais me agradou tua fala; sempre encontraste prazer em prever-nos apenas desgraças; nunca disseste ou cumpriste qualquer vaticínio benéfico, bem como agora, que aos Dânaos revelas, sob forma de oráculos, que os sofrimentos do exército são por Apolo causados, pelo motivo de eu ter recusado o resgate magnífico da bela filha de Crises, em vista de ser do meu gosto junto mantê-la de mim, que a antepunha, sem dúvida alguma, a Clitemnestra, legítima esposa, que em nada lhe cede no porte altivo, em beleza e nas prendas variadas do sexo. Restituí-la, no entanto, me apraz, por ser mais vantajoso, pois salvação só desejo ao meu povo, não vê-lo destruído. Mas, sem demora, aprestai-me outro prêmio, que fora injustiça, entre os Argivos, só eu não ter parte no espólio de guerra. Todos podeis confirmar que meu prêmio, desta arte, me tomam".

O divo Aquiles, de rápidos pés, em resposta lhe disse: "Filho notável de Atreu, mais que todos os homens avaro, por que maneira os Aqueus poderão novo prêmio ofertar-te? Conhecimento não temos de espólio abundante ainda intacto, pois das cidades saqueadas já estão distribuídas as presas, nem há de o povo querer novamente reunir isso tudo. Ao deus entrega a donzela, que três e mais vezes, sem dúvida, te pagaremos os nobres Aquens, quando for da vontade Zeus potente que os muros dos Troas, alfim, conquistemos".

O poderoso Agamémnone disse o seguinte, em resposta: "Conquanto sejas astuto, divino Pelida, não penses que poderás enganar-me com teus subterfúgios e manhas. Queres guardar o teu prêmio, mas pensas que eu deva a donzela ao sacerdote mandar, desse modo ficando sem nada? Seja! Contanto que um novo presente os Aquivos magnânimos, de igual valia, me cedam, conforme o desejo que expendo. Caso a mo dar se recusem, pretendo em pessoa ir buscá-lo, quer seja o prêmio de Ajaz, ou o do grande Odisseu, ou até mesmo o que tiveste por sorte. A visita há de ser-lhe amargosa. A esse respeito, porém, voltaremos depois, mais de espaço. Ora, convém nau ligeira nas ondas divinas lançarmos. Os remadores, sem perda de tempo, reunamos, e as vítimas logo ponhamos a bordo e a donzela graciosa de Crises, de belas faces. Comande o navio um dos chefes do exército, Idomeneu, o fortíssimo Ajaz, Odisseu, porventura, ou mesmo tu, nobre Aquiles, o herói mais que todos terrível, para aplacar o frecheiro por meio da sacra oferenda".

Com torvos olhos, Aquiles, de rápidos pés, lhe responde: "Alma despida de pejo, que só de interesse se ocupa! Como é possível que algum dos Aquens ao teu mando obedeça, quer em caminho se pondo, quer seja enfrentando outros homens? Não foi por causa dos fortes Troianos que vim para Tróia, para guerreá-los, pois nunca motivo para isso me deram. Deles, nenhum das manadas um boi me roubou, nem cavalos, nem no terreno de Ftia, nutriz de guerreiros, tampouco, minhas colheitas destruíram, pois grandes montanhas escuras e o vasto mar sonoro entre nós de permeio se estendem. Para teu gáudio grandíssimo despudorado, seguimos-te, cão sem nenhum descortino, a vingar-te do ultraje dos Troas e a Menelau. Mas sequer te perturbas, nem cuidas de nada. E, para cúmulo, ameaças de vires a escrava arrancar-me, que dos Acaios obtive por prêmio de grandes trabalhos. Nunca meu prêmio se iguala ao que obténs, quando os nobres Argivos uma cidade povoada, dos Troas, acaso conquistam. É bem verdade que a parte mais dura dos prélios sangrentos a estes meus braços compete: mas quando se passa à partilha, sempre o quinhão mais valioso te cabe, enquanto eu me contento com recolher-me ao navio, alquebrado, com paga mesquinha. Mas para Ftia resolvo voltar, que é bem mais vantajoso ir para casa nas naves recurvas. Não julgo decente permanecer ultrajado e de bens e riquezas prover-te".

Disse-lhe, então, em resposta, Agamémnone, rei poderoso: "Foge, se o teu coração te compele, que não te suplico, por minha causa, ficares. Muita honra, me vem, em verdade, de outros guerreiros, mas, principalmente, de Zeus prudentíssimo. És, dos monarcas alunos de Zeus, a quem mais ódio tenho. Sempre encontrei prazer em contendidas, combates e lutas. Se de robusto te orgulhas, tua força de um deus é presente. Volta nas naves recurvas com todos os teus; nos Mirmídones o mando exerce em tua casa, que disso me importo bem pouco. Mossa, também, não me faz teu rancor; mas observo o seguinte: Visto Me haver Febo Apolo da filha de Crises privado, acompanhada pretendo enviá-la em navio ligeiro, mas em pessoa hei de o prêmio ir buscar à tua tenda, a Briseide de belas faces, que, alfim, possas ver por esse ato de força, quanto te sou superior e, também, para que outros se corram de se igualarem comigo e quererem de frente ameaçar-me".

Enfurecido com essas palavras ficou o Pelida, o coração a flutuar, indeciso, no peito

veloso, sobre se a espada cortante, ali mesmo, do flanco arrancasse e, dispersando os presentes, o Atrida, desta arte, punisse, ou se o furor procurasse conter, dominando a alma nobre. Enquanto no coração e no espírito assim refletia, e a grande espada de bronze arrancava, do Céu baixou prestes Palas Atena, mandada por Hera, de braços muito alvos, que a ambos prezava e cuidava dos dois por maneira indistinta. Por trás de Aquiles postando-se, os louros cabelos lhe agarra, a ele visível somente; nenhum dos presentes a via. Cheio de espanto, o Pelida virou-se; porém pelo brilho que se lhe expande dos olhos, conhece que é Palas Atena. Volta-se, então, para a deusa, e lhe diz as palavras aladas:

"Filha de Zeus tempestuoso, que causa te trouxe até Tróia? Ver os ultrajes que o Atrida Agamémnone me faz neste instante? Ora te digo com toda a clareza o que vai realizar-se: Vai a existência custar-lhe essa grande arrogância de agora".

A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte, em resposta: "Para acalmar-te o furor, tão somente, ora vim do alto Olimpo; caso me atendas, enviada por Hera, de braços muito alvos que, por igual, a ambos preza e dos dois, cuidadosa, se ocupa. Vamos, refreia tua cólera, deixa em repouso essa espada. Mas, quanto o queiras, com termos violentos o cobre de injúrias. Ora te digo com toda a clareza o que vai realizar-se: Prêmios três vezes mais belos virás a alcançar muito em breve, por esse insulto de agora. Contém-te, portanto, e obedece".

Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, o seguinte, em resposta: "Deusa, é razoável que às ordens das duas me mostre obediente, ainda que muito irritado me sinto. É., de fato, mais útil. Os deuses folgam de ouvir aos que sempre submissos se mostram".

A mão robusta, então, logo baixou sobre o punho da espada, e a grande espada encaixou na bainha, sem que se esquecesse do que lhe Atena dissera, que foi para o Olimpo, a ajuntar-se aos outros deuses celestes, na casa de Zeus tempestuoso.

Mais uma vez o Pelida se vira com termos violentos para Agamémnone, a quem ainda a cólera o peito enfunava:

"Bêbedo, que tens a vista do cão e a coragem do veado, nunca a armadura envergaste para ir combater como os outros, nunca às ciladas te atreves, ao lado dos nobres Aquivos, que no imo peito tens medo, pois sabes que a Morte te espera. Mais lucrativo, de fato, é correr todo o exército aqui, para esbulhar dos seus prêmios a quem se atrever a objetar-te. Devorador do teu povo! Não fosse imprestável, Atrida, toda esta gente, e ficara como último ultraje esse de hoje. Mas uma coisa assevero e com jura solene o confirmo: Por este cetro que ramos nem folhas jamais, em verdade, reproduziu, dê que foi, na montanha, do tronco arrancado, e que jamais brotará, pois o bronze, de vez, arrancou-lhe a casca e as folhas - a vida - e que os filhos dos nobres Aquivos, quando em função de juizes, empunham, fazendo que valham as leis de Zeus e os preceitos - solene é, repito, esta jura! -há de chegar o momento em que todos os nobres Aquivos hão de gritar por Aquiles, sem vires, então, nenhum modo de protegê-los, no tempo em que às mãos desse Heitor homicida uns sobre os outros caírem. Por dentro hás de, então, remoer-te de desespero, por teres o Aqueu mais ilustre injuriado".

O cetro, Aquiles, depois de falar, adornado com cravos de ouro, atirou contra o solo, indo, após, novamente assentar-se, O nobre filho de Atreu continuava colérico. Entanto, alça-se o velho Nestor, o orador delicioso dos Pílios, de cuja boca fluíam, mais doces que o mel, as palavras. Gerações duas de seres da curta existência já vira desaparecer que com ele nasceram no solo arenoso da sacra Pilo; qual rei, na terceira, ora o mando exercia. Cheio de bons pensamentos, lhes disse, arengando, o seguinte:

“Deuses! que dor indizível se abate nos povos da Acaia! Príamo grande alegria, por certo, há de ter e seus filhos, todos os outros Troianos, também, ficarão muito alegres, quando notícia tiverem de que ambos, desta arte, contendem, os mais distintos heróis nos conselhos de guerra e nas pugnas. Ora atendei-me, que muito mais moços do que eu, sois, sem dúvida. Já convivi, noutros tempos, com mais vigorosos guerreiros do que vós ambos; no entanto, nenhum inferior me julgava. Não, nunca vi, nem presumo que possa ainda ver algum dia, homens do porte de Driante, pastor de guerreiros, Pirítoo, o grande Exádio, Ceneu, e o que aos deuses é igual, Polifemo, e ainda Teseu, que de Egeu descendia, de formas divinas. Esses realmente os mais fortes heróis que na terra viveram. Não foram fortes, somente: lutaram com fortes guerreiros, monstros alpestres a todos matando por modo terrível. Fui companheiro de todos nas lutas de então, pois chamado por eles próprios me vira, de Pilo longínqua, arenosa. Sim, quanto me era possível, lutei, pois dos homens que a terra ora alimenta, nenhum suportara confronto com eles. Obedeciam-me, entanto; meu voto era sempre acatado. Obedecei-me, também, que é melhor aceitar bons conselhos. Mas, forte embora, não queiras, Atrida, tomar ao Pelida a bela escrava, alto prêmio que os fortes Aqueus lhe entregaram. Nem tu, Pelida, presumas que podes, assim, antepor-te ao soberano, porque sempre toca por sorte mais honras ao rei que o cetro detém, a quem Zeus conferiu glória imensa. Se és, bem verdade, robusto, e uma deusa por mãe te enaltece, este e bem mais poderoso, porque sobre muitos domina. Faz cessar teu furor, nobre Atrida, te peço; não deixes ir para adiante tua cólera contra o Pelida, pois ele tem sido o amparo dos povos aqueus contra os males da guerra”.

O poderoso Agamémnone disse o seguinte, em resposta: "Todas as tuas palavras, ancião, foram ditas com senso. Este indivíduo, porém, sempre quer sobrepor-se a nós todos, nos outros todos mandar, arrogar-se a gerência de tudo, e leis ditar incontestemente, o que muitos, suponho, lhe negam. Se as divindades eternas guerreiro de prol o fizeram, por isso, só, permitiram que os mais insultar possa, impune?"

Interrompendo-o, lhe disse em resposta o divino Pelida: "Sim merecera me visse apodado de fraco e imprestável, se me deixasse dobrar ao capricho de tudo o que dizes. Leis continua a ditar para quem te aprouver; mas teu mando em mim cessou, pois estou decidido a negar-te obediência. Ora outra coisa te vou revelar, fixa-a bem no imo peito: Por causa, certo, da escrava, não hei de lutar nem contigo nem com ninguém; que ma vens retomar pós ma haveres cedido. Mas, das riquezas que tenho no barco veloz de cor negra, não levarás parte alguma, jamais, contra minha vontade. Experimenta, se o queres fazer, que os presentes o vejam: na minha lança há de, logo, correr o teu sangue anegrado”.

Pós ambos terem, desta arte, impropérios trocado, levantam-se, pondo remate à assembléia, que junto das naus se reunira. Foi o Pelida, a seguir, para as tendas e naves simétricas, em companhia do filho do grande Menécio e dos sócios. Lança, entrementes, o Atrida nas ondas um barco ligeiro, para o qual vinte remeiros já havia escolhido. A hecatombe de Febo Apolo mandou para bordo, assim como a Criseide de faces belas. O mando ao sagaz Odisseu ele entrega.

Esses, depois de embarcados, as úmidas vias cortaram, enquanto o Atrida dava ordens a todos que banhos tomassem. Purificaram-se todos, jogando no mar as escórias, e a Febo Apolo ofertaram, de cabras e touros seletos, urna hecatombe completa na praia do mar incansável. Nas espirais da fumaça até o Céu o perfume subia.

Em todo o exército os Dânaos assim se esforçavam. No entanto, não se esquecia da ameaça, que a Aquiles fizera, Agamémnone. Vira-se para Taltíbio e também, para Euríbatas ambos mui diligentes ministros e arautos, e diz o seguinte:

"Ide, sem perda de tempo, até à tenda de Aquiles Peleio, e me trazei pela mão, sem violência, a graciosa Briseide. Há de entregar-ma, que em caso contrário, hei de eu próprio ir buscá-la, com muitos outros guerreiros, o que será pior para Aquiles".

Dessa maneira os enviou, porque as ordens terríveis cumprissem. A seu mau grado, eles foram ao longo da praia sonora, té que alcançaram as tendas e naus dos heróicos Mirmídones. Foram achá-lo sentado do lado de fora, bem perto da negra nau. Não gostou, certamente, de os ver o Pelida. Ambos receosos ficaram, mostrando respeito ao monarca, sem se atreverem sequer, a o motivo alegar da visita. Mas entendeu-o logo Aquiles, que aos dois se dirige, dizendo:

"Sede bem-vindos, arautos de Zeus poderoso e dos homens! Aproximai-vos, que culpa não tendes; sim, tem-na Agamémnone, que vos mandou até aqui porque a filha de Brises levásseis. Pátroclo, aluno de Zeus, traze a jovem, sem perda de tempo, e aos dois arautos a entrega. Sereis testemunhas, sem dúvida, junto dos deuses eternos, dos homens de curta existência e desse odiento monarca, se for necessário algum dia que eu próprio venha a intervir para aos outros poupar a vergonha de uma derrota; que o rei por completo se encontra enfuriado e inteiramente incapaz de julgar o passado e o futuro, para que junto das naves, a salvo, os Aquivos combatam".

Obedeceu logo Pátroclo às ordens do amigo dileto, e conduziu para fora da tenda a formosa Briseide, indo entregá-la aos arautos, que para os navios voltaram com a escrava; bem contra a vontade os seguia. Entrementes, dos companheiros Aquiles se afasta, a chorar, assentando-se perto da praia do mar espumoso. A fixar o infinito pélagos, à mãe diletíssima implora, estendendo-lhe os braços:

"Mãe, já que vida de tão curto prazo me deste, seria justo que ao menos tivesse honras muitas de Zeus poderoso que no alto troa! Ele, entanto, de todo de mim não se importa, pois consentiu que o potente senhor, de Atreu filho, Agamémnone, me desonrasse; meu prêmio tomou, de que, ufano, se goza".

O que ele assim reclamava, a chorar, pela mãe foi ouvido, que se encontrava no fundo do mar, junto ao pai venerando. Rapidamente, emergiu dentre as ondas espúmeas, qual névoa; ao lado dele assentou-se, que em pranto se achava desfeito, e acariciando-o com a mão, pôs-se logo a falar, e lhe disse:

"Qual a razão de teu choro, meu filho? Que dor te acabrunha? Ora me conta sem nada ocultar-me; desejo sabê-lo".

Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, a gemer fundamente: "Já tens de tudo ciência; por que repetir o que sabes? Tebas, cidade sagrada de Eecião foi por nós assaltada, completamente destruída e espoliada das muitas riquezas. Com equidade foi tudo entre os homens aqueus dividido, tendo tocado a Agamémnone a jovem donosa, Criseide. Crises, então, sacerdote de Apolo, frecheiro infalível, veio até às céleres naus dos Acaios, de bronze vestidos, súplice, a filha reaver. Infinito resgate trazia, tendo nas mãos as insígnias de Apolo, frecheiro infalível, no cetro do ouro enroladas. Implora aos Acaios presentes, sem exceção, mas mormente aos Atridas, pastores de povos. Os heróis todos Aquivos, então, logo ali concordaram em que se o velho acatasse, aceitando os presentes magníficos. Somente ao peito do Atrida Agamémnone o alvitre desprove, que o repeliu com dureza, assacando-lhe insultos pesados. Crises, o ancião, indignado, dali se retira; mas Febo as preces logo lhe ouviu, que especial afeição lhe dicava. Epidemia funesta lançou nos Argivos; morriam muitos do povo, pois nunca cessavam os raios de Apolo de dizimar as extensas fileiras do exército acaio. Mas eis que um sábio adivinho os oráculos do deus nos

revela. Aconselhei logo logo que o nune aplacar procurássemos. Mas Agamémnone fica irritado; de pé levantando-se, fez-me terrível ameaça, que acaba de ser realizada: Em nau veloz os Aqueus de olhos claros a jovem já foram ao velho pai restituir, com presentes que ao deus oferecem.

De minha tenda, porém, neste instante, arrancaram-me arautos a bela filha de Brises, que a mim, como prêmio, coubera. Ora te cumpre amparar a teu filho, que o podes, sem dúvida. Sobe até o Olimpo e a Zeus grande suplica, fazendo-o lembrado de quanto grata lhe foste, por meio de ações e palavras, pois muitas vezes te ouvi, no palácio paterno, gloriar-te de que entre os deuses eternos tu, só, preservaras o grande filho de Crono, que as nuvens cumula, de fim desditoso, quando outros deuses do Olimpo em liames quiseram prendê-lo, Hera a Posido, de escuros cabelos, e Palas Atena. Tu, porém, deusa, acorreste e o livraste das fortes cadeias, e para o Olimpo muito amplo fizeste que viesse o Centímano, que pelos deuses é dito Briareu, mas Egeu pelos homens, e que mais força apresenta que o próprio Posido, pai dele. Ele, orgulhoso do cargo, assentou-se ali a par de Zeus Crônida, medo inspirando aos eternos, que logo dos elos desistem. Faze-o de tudo lembrado, abraçando-lhe os joelhos; procura-o, porque se mostre inclinado a prestar todo o apoio aos Troianos, para que possam premir os Acaios té às popas e às ondas, e eles, assim destroçados, do chefe que têm se gloriem. Veja, com isso, Agamémnone, o filho de Atreu, poderoso, quão cego estava ao querer desprezar o maior dos Aquivos".

Tétis, então, a chorar, lhe responde as seguintes palavras: "Ai, caro filho, por que te criei, se te dei vida infausta? Já que nasceste fadado a tão curta existência, prouvera que junto às naves vivesses, sem dor conheceres, nem lágrimas. Mas, em vez disso, tua vida fugaz é mais rica de dores. Para um destino infeliz te dei vida no nosso palácio. Hei de subir até o Olimpo cercado de neve, e a Zeus grande tudo, sem falha, contar, para ver se consigo dobrá-lo. Perto das naves velozes, entanto, conserva-te e a cólera contra os Aqueus alimenta; de vez, dos combates te afasta, pois Zeus, de fato, foi ontem, seguido de todos os deuses, para o banquete dos puros Etíopes, que moram no oceano. Somente após doze dias de novo estará no alto Olimpo. Dirigir-me-ei, nesse tempo, a morada de Zeus esplendente, para os joelhos cingir-lhe, esperando poder comovê-lo".

Logo depois de falar, retirou-se, deixando-o sozinho, cheio de dor, a pensar na Briseide de porte gracioso, que, a seu mau grado, lhe haviam tirado. Odisseu, entretanto, tinha chegado até Crises, levando a sagrada hecatombe. Logo depois de alcançada a porção mais profunda do porto, a veia amainam depressa, deitando-a na nau de cor negra, e, com soltar as adriças, o mastro ao comprido deitaram rapidamente, levando com remos a nau para o porto. A âncora logo soltaram, firmando as amarras traseiras. Desembarcaram na praia sonora do mar, depois disso, com a hecatombe sagrada, que a Apolo frecheiro traziam. Desce, também, do navio veloz a donzela de Crises, a qual o astuto Odisseu conduziu para junto das aras e ao pai querido a entregou, dirigindo-lhe afável discurso:

"Crises, a ti me mandou Agamémnone, rei poderoso, para que a filha te viesse trazer e ofertasse hecatombe a Febo Apolo da parte dos Dânaos, que o deixe benigno, que ele os Argivos, agora, por modo tão grave castiga".

Tendo assim dito, nas mãos lha entregou. Crises, grato, recebe a filha amada. Entretanto, a sagrada hecatombe em ordem punham ao lado do altar de formosa feitura. Água lustral receberam nas mãos e a cevada espalharam. Ambos os braços alçando, o ancião implorou em voz alta:

"Ouve-me, ó deus do arco argênteo, que Crisa, cuidadoso, proteges, e a santa Cila, e

que tens o comando supremo de Tênedo! Do mesmo modo que ouviste o pedido que fiz no outro dia, e me deste honra, infligindo castigo ao exército acaio, mais uma vez te suplico atenderes-me ao que ora te peço: livra os Argivos da peste terrível que as hostes dizima".

Isso disse ele na súplica; ouvido por Febo foi logo. Dessa maneira, concluída a oração e espalhada a farinha, as reses, postas a jeito, degolam, o couro lhes tiram, as coxas cortam, peritos, e em dupla camada da própria graxa as envolvem, jogando por cima pedaços de músculos. Assa-as na lenha o ancião, tendo vinho por cima aspergido; com garfos de cinco pontas, ao lado os rapazes o ajudam. Quando queimadas as coxas e as vísceras todas comidas, logo o restante retalham, espetos enfiam rias postas, e cuidadosos as tostam, tirando-as, depois, dos espetos. Quando concluído o trabalho, e o convívio, desta arte, aprontado, se banquetearam, ficando cada um com a porção respectiva. Tendo assim, pois, a vontade da fome e da sede saciado, té pelas bordas escravos as taças encheram de vinho, distribuindo por todos os copos as sacras primícias. Por todo o resto do dia, depois, para o deus aplacarem, o canto em honra de Apolo entoaram os moços argivos, a celebrar o frecheiro; escutando-os, o deus se alegrava.

Logo que o Sol se acolheu, e baixou sobre a terra o crepúsculo, foram-se todos deitar junto à popa da célere nave. Logo que a Aurora de dedos de rosa, surgiu matutina, eis que de novo zarparam, rumando ao exército argivo. Vento ponteiro lhes deu Febo Apolo, frecheiro infalível. O mastro, então, levantaram, prendendo-lhe a cândida vela. Logo se enfuna no meio com o vento, e ao redor da querena da nau, que avança, ressoam ruidosas as ondas inquietas. Corre veloz sobre as ondas, fazendo o caminho do estilo. Quando, afinal, alcançaram o forte arraial dos Acaios, a nau veloz de cor negra no seco puseram, puxando-a muito para o alto, na areia, firmando-a com paus apropriados. Todos, então, se espalharam por entre os navios e as tendas.

Junto da nave ligeira entretanto, se achava agastado o divo Aquiles, de célebres pés, de Peleu descendente, sem freqüentar a assembléia, onde os homens de glória se cobrem, nem tomar parte nas lutas. Ralado de fundo despeito, só pelos gritos de guerra e sangrentos combates ansiava.

Quando a dozeza manhã prometida raiou matutina, para o alto Olimpo voltaram os deuses de vida perene, todos, com Zeus grande à frente. Não pôde do filho esquecer-se Tétis, do que lhe pedira; emergindo das ondas marinhas, em névoa envolta, ao céu alto subiu e ao Olimpo altanado, onde foi dar com o filho de Crono, que ao longe discerne, dos demais deuses à parte, no pico mais alto do monte. Ao lado dele assentando-se, passa-lhe em torno dos joelhos o braço esquerdo, e, tornando-lhe o queixo na destra, afagando-o, desta maneira a Zeus grande, nascido de Crono, suplica:

"Se já algum dia, Zeus pai, te fui grata entre os deuses eternos, seja por meio de ações ou palavras, atende-me agora: honra concede a meu filho, fadado a tão curta existência, a quem o Atrida Agamémnone, rei poderoso, de ultraje inominável cobriu: de seu prêmio, ora, ufano, se goza. Compensação lhe concede, por isso, Zeus sábio e potente; presta aos Troianos o máximo apoio, até quando os Acaios a distingui-lo retornem e de honras condignas o cerquem".

Nada lhe disse, em resposta, Zeus grande, que as nuvens cumula. Quedo e silente ficou. Tétis, logo, lhe os joelhos abraça mais firmemente, insistindo outra vez no primeiro pedido:

"Abertamente concede, ou recusa o que venho pedir-te, pois desconheces o medo. Que obtenha, desta arte, a certeza de que, em verdade, entre os deuses eu sou a que menos

distingues”.

Muito abalado lhe diz Zeus potente que as nuvens cumula: "Coisa mui grave me pedes, que vai contra mim chamar o ódio de Hera, que tem por costume irritar-me com ditos molestos. Té sem motivo lhe apraz, ante os numes eternos, lançar-me acusações, com dizer-me parcial, nesta guerra, aos Troianos. Trata de ir logo daqui; não suceda que sejas por ela reconhecida, que tomo ao meu cargo fazer o que pedes. Para que tenhas confiança, far-te-ei o sinal com a cabeça, que é o mais seguro penhor com que aos deuses eternos me obrigo. Pois fatalmente se cumpre, jamais pode ser duvidoso nem revogável quanto eu prometer sacudindo a cabeça”.

As sobranceiras escuras franziu o nascido de Crono, a cabeleira divina ondulou sobre a fronte altanada o potentíssimo deus, abalando os pilares do Olimpo.

Pós este acordo, apartaram-se. Tétis, então, sem demora, das luminosas cumeadas do Olimpo saltou para as ondas. Para o palácio foi Zeus. Os mais deuses, entanto, dos tronos se levantaram, saindo ao encontro do pai. Nenhum deles indiferença mostrou e a saudá-lo, em conjunto, avançaram. No trono, entanto, assentou-se. Mas de Hera a visão desconfiada não escapara a conversa que Zeus mantivera com Tétis de pés de prata, nascida do velho das águas marinhas, Para Zeus Crônida vira-se, e ditos pungentes lhe assaca:

“Qual dentre as deusas, doloso, contigo tramou novos planos? Sempre do agrado te foi entreter clandestinas conversas, quando acontece eu achar-me distante. Jamais te resolves a revelar-me, uma parte sequer, do que na alma ponderas”.

O pai dos homens e deuses lhe disse o seguinte, em resposta: "Hera, não penses que podes saber quanto na alma concebo, pois, apesar de me seres esposa, ser-te-ia difícil. Antes de ti, ninguém vem a saber o que é lícito ouvir-se, nem entre os deuses eternos do Olimpo nem mesmo entre os homens. Mas do que à parte resolvo ocultar, sem que os deuses o saibam, a averiguar não presumas, nem faças perguntas inúteis”.

Hera, a magnífica, de olhos bovinos, lhe disse, em resposta: "Crônida terrívelíssimo, como me falas desta arte? Creio que até este momento jamais tenho sido importuna. Sem molestar-te, te deixo fazer o que na alma concebes. Mas tenho muito receio que te haja vencido alfim, Tétis de pés de prata, a donzela donosa do velho marinho. Em névoa envolta, sentou-se ao teu lado e tocou-te os joelhos. Ora suspeito de que hajas anuído a que Aquiles se torne cheio de glória e que muitos Acaios nas naves pereçam”.

Disse-lhe, então em resposta, Zeus grande, que as nuvens cumula: “Alma danada, há de sempre sondar-me com tuas suspeitas! Mas coisa alguma consegues com isso, senão afastar-te cada vez mais do meu peito, o que muito mais grave há de ser-te. Se, como dizes, tudo isso se der, é que quis assim mesmo. Senta-te, agora; sossega e reflete bem nisso que digo. Nem mesmo todos os deuses do Olimpo valer-te puderam, se minhas mãos invencíveis em ti suceder que se abatam”.

Hera, a magnífica, de olhos bovinos, ficou temerosa, e foi sentar-se calada, refreando o rancor do imo peito. Na sala grande de Zeus perturbaram-se os deuses do Olimpo. O fabro célebre, Hefesto, começa a dizer então, logo, para sua mãe consolar, Hera nobre, de braços luzentes:

"Desagradável, realmente, e de forma nenhuma aceitável, é que por causa dos homens fiqueis a tal ponto em discórdia e que os mais deuses, também, se aborreçam. Dos gratos banquetes há de cessar a alegria se as coisas ruins prevalecem. Por isso, à mãe aconselho, por mais que se mostre sensata, que a Zeus procure agraciar, porque não

aconteça que venha de novo o pai a irritar-se e conturbe o prazer dos banquetes. Pois facilmente Zeus grande, que os raios maneja, a nós todos destes assentos jogara, se tanto fazer decidisse. Vamos, procura aplacá-lo com gestos e vozes afáveis, para que o Olímpico a todos se torne de novo propício".

Disse, e se ergueu. E, tomando uma taça com alças ornada, à mãe querida a ofertou, prosseguindo no afável discurso:

"Mãe, tem paciência e acomoda-te, embora ofendida te encontres. Não seja dado aos meus olhos, pois muito te estimo, de novo verem-te, assim, castigada, que, então, não me fora possível em teu auxílio sair, pois com Zeus contender é muito árduo. Já da outra vez, quando quis defender-te e acorri pressuroso, por um dos pés me agarrou, dos celestes umbrais atirando-me. O dia todo rolei; mas, no tempo em que o sol cai no ocaso, fui ter a Lemno, sem dar quase mostras de ainda estar vivo, onde, ao cair, agasalho me deram os Síntios bondosos".

Hera, de braços luzentes, sorriu ao lhe ouvir tais palavras; e, sorridente, aceitou logo a taça que o filho lhe dava. Pela direita começa a deitar para os deuses presentes o doce néctar, que a ponto retira de grande cratera. Em gargalhada infinita rebentam os deuses beatos ao perceberem Hefesto solícito, assim, pela sala.

Por todo o resto do dia, até o sol acolher-se no poente, se banquetearam, ficando cada um com a porção respectiva. Todos, prazer encontravam na lira de Apolo, belíssima, quando, corri as Musas, com voz deliciosa, alternados cantavam. Mas, quando a luz radiante do sol já se havia escondido, foram dormir, procurando cada um sua própria morada, onde, para eles, palácios construía, com senso elevado, o ínclito Hefesto, famoso ferreiro de braços robustos. Foi para o leito, também, Zeus potente, que os raios dispara, onde soía deitar-se ao lhe vir, agradável, o sono.

Para ali sobe; ao seu lado a de trono dourado, Hera, estava.